

*Por amor ela vai desafiar todas as regras
do mundo e do submundo.*

SYLVAIN REYNARD

autor de *O inferno de Gabriel*

A
TRANSFORMAÇÃO
DE
Raven

NOITES EM FLORENÇA LIVRO 1



*À cidade de Florença
e aos meus leitores,
com gratidão*



Primavera, de Sandro Botticelli, circa 1482,
Galleria degli Uffizi, Florença

PRÓLOGO

Maio de 2013
Florença, Itália

Uma silhueta solitária estava em pé no alto do domo de Brunelleschi, à sombra da esfera e da cruz douradas. Suas roupas escuras se dissolviam na escuridão cada vez mais densa, tornando-o invisível para as pessoas lá embaixo.

De toda forma, elas não o teriam visto.

Ali do alto, pareciam formigas. E era isso que eram para ele, uma presença irritante na cidade, ainda que necessária.

Florença era sua havia quase setecentos anos. Quando estava em casa, passava os instantes antes do pôr do sol sempre naquele lugar, observando seu reino com um orgulho digno de Lúcifer. Aquilo era obra de suas mãos, fruto de seu trabalho, e ele exercia seu poder sem misericórdia.

Sua força considerável era magnificada por seu intelecto e sua paciência. Muitos séculos haviam desfilado diante de seus olhos, mas mesmo assim ele permanecera constante. O tempo era um luxo do qual dispunha com abundância, e ele nunca se apressava ao buscar vingança. Mais de cem anos haviam se passado desde que alguns de seus bens mais preciosos tinham sido roubados. Ele havia esperado que ressurgissem, e eles ressurgiram. Naquela noite, havia reintegrado as ilustrações à sua coleção pessoal, e a sofisticada segurança da Galleria degli Uffizi lhe causara apenas o mais banal dos incômodos.

Assim, postado em triunfo contra o céu cada vez mais escuro, ele admirava Florença qual um príncipe Médici. Sentia o ar quente à sua volta enquanto refletia sobre o destino dos responsáveis por comprar suas ilustrações

roubadas. Pretendia matá-los dois anos antes, mas fora frustrado por uma cansativa tentativa de assassinato. A guerra subsequente entre os submundos de Florença e de Veneza o mantivera ocupado desde então. Ele havia ganhado a guerra e conseguido anexar Veneza e todos os seus territórios. E a sua presa finalmente havia retornado à cidade. Era chegada a hora da vingança.

Tivera tempo suficiente para planejar as mortes, então continuou ali, saboreando o próprio sucesso, enquanto uma chuva morna e insistente começava a cair. As formigas lá embaixo se espalharam e correram para se abrigar. Em pouco tempo, as ruas ficaram desertas de humanos.

Ele apertou com mais força a pasta que segurava debaixo do braço, dando-se conta de que as suas ilustrações precisavam de um lugar seco. Num piscar de olhos, desceu os tijolos vermelhos até um domo inferior e menor, então pulou para o chão e atravessou correndo a praça. Pouco depois, estava subindo o telhado da Arciconfraternita della Misericordia, prédio adjacente e muito antigo. Houvera um tempo em que poderia ter servido à Arciconfraternita em sua missão de misericórdia, em vez de tratá-la como um obstáculo. Mas desde 1274 que ele não tinha misericórdia. Em sua nova forma, tal conceito jamais penetrava sua consciência.

Algumas horas depois, percorreu os telhados em alta velocidade em direção à Ponte Vecchio, esquivando-se das gotas de chuva. O cheiro de sangue enchia suas narinas. Havia mais de uma safra, mas o perfume que atraía sua atenção era jovem e inexplicavelmente doce. Fez ressuscitar dentro dele lembranças esquecidas, imagens de amor e perda.

Outros monstros se moveram na escuridão, de todas as partes da cidade, e acorreram ao lugar em que o sangue inocente clamava do chão.

Ele mudou de direção e aumentou a velocidade, movendo-se em direção à Ponte Santa Trinità. Pulando de telhado em telhado, sua forma negra era um borrão contra o céu da noite.

Enquanto corria, a pergunta que não saía de sua cabeça era: *Quem iria alcançá-la primeiro?*

CAPÍTULO 1

À uma e meia da madrugada, as ruas de Florença estavam quase desertas. Quase.

Ainda havia uns poucos turistas e moradores, grupos de jovens atrás de diversão, sem-tetos pedindo dinheiro, e Raven Wood, que seguia mancando devagar pela rua irregular que ia da Galleria degli Uffizi até a Ponte Santa Trinità.

Raven vinha de uma festa com colegas da galeria, e cometera a tolice de recusar uma carona até em casa. Como sua Vespa estava na oficina, seu amigo Patrick se oferecera para acompanhá-la, mas ela sabia que ele não queria ir embora do apartamento de Gina. Fazia meses que nutria uma quedinha secreta pela moça. Nessa noite, parecia ter conseguido atrair a atenção dela.

Aparentemente.

Raven não teve coragem de separar os amantes em potencial. Embora aceitasse que o amor não era para ela, sentia um secreto deleite com a vida amorosa dos outros, sobretudo com a de seus amigos. Por isso insistira em voltar sozinha para casa. Foi assim que se pegou caminhando, com a ajuda da bengala, em direção ao pequeno apartamento em Santo Spirito, situado na outra margem do rio.

Mal sabia que a decisão de recusar uma carona para casa teria amplas consequências para ela e para seus amigos.

Seus colegas supunham equivocadamente que ela mancava devido a um defeito congênito e, portanto, por educação, ignoravam o fato. Ela ficava grata pelo silêncio, já que por trás do problema havia um segredo sombrio que não queria revelar.

Não se considerava incapaz. Considerava-se levemente deficiente. Tinha a perna direita um pouco mais curta do que a outra, e o pé um pouco virado para fora, em um ângulo antinatural. Não conseguia correr e sabia como era chato vê-la caminhar. Pelo menos tentava tornar atraente sua onipresente bengala, decorando-a com imaginativos desenhos feitos por sua própria mão de artista. Bem-humorada, chamava a bengala de namorado e a tratava pelo apelido Henry.

Algumas mulheres talvez tivessem tido receio de andar pelas ruas de Florença tarde da noite, mas não Raven. Ela raramente chamava atenção, com exceção dos olhares grosseiros para sua perna. Na verdade, as pessoas muitas vezes trombavam ou esbarravam nela como se fosse invisível, travando um contato físico muito além do normal.

Devia ser por causa de sua aparência. Os eruditos diriam que era dona de um corpo digno de Rubens, se por acaso conseguissem encontrá-lo por baixo das roupas tamanho extragrande. Aos olhos modernos, estava acima do peso, e seus quilos a mais eram realçados pelos trajes folgados e tênis gastos que pouco aumentavam sua estatura de 1,70 metro. Os cabelos escuros, quase tão escuros quando a asa de um corvo – fato que lhe valera o apelido, Raven, que significa corvo – viviam presos em um rabo de cavalo desleixado que ficava roçando em seus ombros. Em comparação com as muitas mulheres bonitas e bem-vestidas que viviam em Florença, era considerada feia.

Os olhos, porém, eram lindos: grandes, profundos, com um tom de verde quase igual ao do absinto. Infelizmente, ninguém nunca se dava o trabalho de reparar neles, já que viviam escondidos atrás de óculos pretos grandes demais. Não que Raven se sentisse à vontade com a ideia de chamar atenção. Usava os óculos para se distanciar das pessoas, e os trocava, quando necessário, por óculos de leitura que de fato melhoravam sua visão.

Enquanto se aproximava da Ponte Santa Trinità, vinda do Lungarno degli Acciaiuoli, maldisse o fato de não ter levado um guarda-chuva. Chovia o suficiente para que as ruas e a ponte estivessem desertas, mas não para encharcá-la. Resolveu não buscar abrigo e apenas seguiu em frente, mancando como fazia tudo o mais na vida: com obstinada determinação.

Observou um trio de homens de aspecto rude se aproximando, trôpegos, da ponte na sua frente pela Via de' Tornabuoni. Sem se deixar deter

pela chuva, falavam alto, com as vozes roucas. Não era incomum ver gente embriagada no centro da cidade, mas Raven diminuiu o passo. Sabia muito bem como os bêbados eram imprevisíveis.

Segurou com mais firmeza a velha mochila gasta e continuou andando em direção à ponte. Foi nessa hora que viu Angelo.

Angelo era um sem-teto que passava dias e noites pedindo moedas. Raven o via no caminho para a Uffizi. Sempre parava para cumprimentá-lo e lhe dar dinheiro ou alguma comida. Como os dois andavam com o auxílio de uma bengala, identificava-se com ele. Angelo tinha uma deficiência mental, o que só fazia aumentar o pesar de Raven.

Enquanto caminhava, olhou para Angelo, para os bêbados, depois novamente para Angelo. Uma terrível apreensão lhe passou pela cabeça.

– Boa noite, amigos! – O italiano de Angelo ecoou pela escuridão chuvosa. – Umas moedas, por favor.

O tom esperançoso e alegre de sua voz fez o estômago de Raven se revirar. Ela conhecia o cruel destino da esperança quando mal direcionada.

Começou a mancar mais depressa, os olhos fixos no amigo, torcendo para não tropeçar e cair. Estava quase na ponte quando viu Angelo levantar as mãos e dar um grito.

O maior dos homens estava urinando nele. Angelo tentou se afastar, mas o homem foi atrás. Os outros o incentivaram e riram.

Raven não se chocou.

Angelo era sem-teto, sujo, aleijado e lento. Sozinha, cada característica dessas seria capaz de despertar qualquer crueldade latente nos homens florentinos.

Ela sentiu gritos de protesto subirem pela garganta. Mas não abriu a boca.

Precisava intervir. Sabia disso. Quando as pessoas boas passavam direto sem dizer nada, o mal florescia.

Raven continuou andando.

Estava cansada depois de um longo dia de trabalho e da noite na casa de Gina. Desejava retornar logo ao seu pequeno e tranquilo apartamento na Piazza Santo Spirito. Mesmo assim, não podia deixar de ouvir os gritos de Angelo e os risos e palavrões dos homens.

O maior deles terminou de urinar com um floreio e tornou a se ajeitar dentro da calça jeans. Sem qualquer aviso, ergueu um dos pés calçado com

bota e deu um chute nas costelas de Angelo. O sem-teto soltou um grito de dor e desabou no chão.

Raven parou.

Os outros homens entraram na dança, e começaram a chutar e a xingar Angelo, ignorando os seus gritos. Com sangue escorrendo da boca, ele se contorceu na calçada.

– Parem! – O grito alto encheu os ouvidos de Raven. Em um instante, ela se alegrou com o fato de alguém, qualquer pessoa, ter aparecido para salvar Angelo.

Mas a sua alegria se transformou em horror quando os homens pararam e olharam na direção dela.

– Parem – repetiu Raven, bem mais baixo.

Os homens se entreolharam, e o maior deles fez algum comentário desdenhoso com os companheiros. Então avançou a passos largos na sua direção.

À medida que ele se aproximava, Raven pôde ver que era alto, tinha os ombros largos, a cabeça raspada e os olhos escuros. Resistiu ao impulso de recuar.

– Vá embora. – O homem a dispensou com um aceno.

Os olhos verdes de Raven se moveram depressa para além dele, onde Angelo estava caído, encolhido no chão.

– Deixe-me ajudá-lo. Ele está sangrando.

O homem grande e careca olhou por cima do ombro para os companheiros. Como para desafiá-la, um deles desferiu um chute na barriga de Angelo. Os gritos encheram os ouvidos de Raven até que, por fim, de modo terrível, ele se calou.

Com um sorriso predatório, o homem se virou de novo para ela e apontou para a direção da qual ela viera.

– *Corra.*

Raven cogitou uma tentativa de se aproximar de Angelo, mas acabou desistindo. Tampouco havia a possibilidade de atravessar a ponte para chegar em casa. Aquele homem careca impedia sua passagem.

Ela começou a recuar, sem muita firmeza.

O homem foi atrás. Agitou os braços e arrastou a perna direita, em uma imitação exagerada de seu caminhar. Um de seus companheiros gritou alguma coisa sobre Quasímodo.

Resistindo ao impulso de dizer aos homens que os verdadeiros monstros

eram eles, Raven se virou, lutando para se mover depressa. O barulho de passos apressados ecoou em seus ouvidos. Os comparsas do homem haviam deixado Angelo no chão e estavam no seu encalço.

Ela ouviu um deles comentar como era feia, feia demais para ser comida.

Os outros riram.

Um deles observou que podiam comê-la por trás. Aí eles não teriam que ver o seu rosto.

Raven começou a mancar mais rápido, olhando ao redor, procurando algum pedestre. As margens do Arno pareciam desertas.

– Não tão depressa! – A frase sarcástica de um dos homens foi acolhida com risadas enquanto eles andavam atrás dela.

– Venha brincar conosco! – gritou outro.

– Acho que ela quer.

Raven apertou o passo, mas eles logo a alcançaram, rodeando-a como lobos em volta de um cervo ferido.

– E agora? – perguntou o mais baixo dos homens, olhando para os outros.

– Agora nós vamos brincar. – O careca, obviamente o chefe do grupo, sorriu para Raven. Então arrancou a bengala da sua mão e a jogou na rua.

Um dos outros dois agarrou a mochila e a arrancou de seu ombro.

– Devolva isso! – gritou ela, partindo para cima dele.

Exultante, o homem jogou a mochila para um de seus companheiros por cima da cabeça dela.

Raven fez um movimento para pegar, mas a mochila tornou a passar por cima da sua cabeça. Os homens ficaram vários minutos fazendo-a de boba, atiçando-a e provocando-a enquanto ela implorava que lhe devolvessem a mochila. Não tinham como saber, mas ali estavam seu passaporte e outros documentos importantes.

Raven não podia correr. Sua deficiência não lhe permitia. Sabia que, se tentasse pegar a bengala, eles simplesmente a pegariam do chão e possivelmente a jogariam no rio. Virou-se e começou a mancar para longe deles, em direção à Ponte Vecchio.

Um dos homens descartou a mochila dela.

– Agarrem-na – disse.

Raven tentou andar mais depressa, mas já estava mancando o mais rápido que conseguia. O homem foi atrás e a alcançou em três passos.

Assustada, ela olhou por cima do ombro. Nesse instante, seus dedos dos pés engancharam em uma rachadura na rua e ela tropeçou. A dor subiu por suas mãos e braços quando ela tentou aparar a queda.

O careca se aproximou e a segurou pelos cabelos. Ela gritou quando ele arrancou o elástico de seu rabo de cavalo. Seus cabelos pretos compridos caíram em volta dos ombros.

Ele a puxou até colocá-la de pé, agarrou seus cabelos e os enrolou na mão.

Raven olhou em volta, tentando encontrar algum jeito de fugir ou alguém para ajudá-la, mas em poucos segundos ele a arrastou pela rua até um beco tão estreito que ela quase conseguia tocar as paredes com os dois braços esticados.

Raven deixou cair o corpo e se inclinou para a frente de propósito.

Com um palavrão, ele a soltou.

Ela ganiu ao cair de joelhos pela segunda vez, com as mãos raladas e sangrando. Um fedor encheu suas narinas. Alguém tinha usado o beco como banheiro.

Tossiu, esforçando-se para não passar mal.

O careca a segurou pelo cotovelo e a arrastou mais para o fundo do beco.
– Levante-se – exigiu.

Ela tentou se afastar, mas o homem a segurava com firmeza pelo cotovelo. Ela se contorceu, rolou de lado e chutou com violência. Ele soltou um palavrão, e ela se desvencilhou e tentou se erguer sobre os pés instáveis.

De repente, ele se assomou acima dela, agarrando seu braço e puxando-a de frente para ele. Sem aviso, deu-lhe um soco com o punho fechado, quebrando os óculos e o nariz. O sangue jorrou e começou a pingar no chão em grandes e volumosas gotas.

Ela uivou de dor e arrancou do rosto o vidro quebrado. Lágrimas brotaram de seus olhos quando cobriu o rosto com a mão, lutando para respirar pela boca.

O homem a pôs de pé com um puxão. Agarrou-a pelos cabelos e a arremessou contra a parede.

Raven viu estrelas, e uma dor se irradiou de sua testa.

O mundo girou e começou a diminuir de velocidade enquanto dois dos homens empurravam seu peito contra a parede e imobilizavam seus braços. O líder se postou atrás dela e levantou sua blusa com as duas mãos.

Com gestos brutos, seus dedos subiram pela pele nua até se fecharem em volta do sutiã. Ele apertou seus seios e fez uma piada grosseira. Os amigos pareceram encorajá-lo, mas Raven não conseguia mais entender as palavras que diziam.

Teve a sensação de estar debaixo d'água. Sua cabeça latejou, e ela inspirou com um arquejo, tentando não engasgar no sangue que escorria pela garganta.

O homem abriu a braguilha e se encostou nela por trás. Levou a mão até o cós da roupa de Raven. Com um rápido gesto dos dedos, desabotoou a calça jeans.

Ela se debateu quando a mão dele se enfiou dentro da sua calça.

– Pare! Por favor. *Por favor.*



Os gritos arrastados, desesperados, de uma jovem chegaram aos ouvidos do Príncipe. Ao longe, pôde sentir a aproximação de Lorenzo, seu braço-direito, e de Gregor, seu assistente. Outros de sua espécie não estavam muito atrás.

O Príncipe apressou o passo, sem querer compartilhar a fonte da safra mais doce que cheirava em muitos séculos. O aroma lhe pareceu quase conhecido, tanto que seu desejo já estimulado se misturou à nostalgia. Um sentimento ao qual ele não tinha qualquer desejo de se entregar.

Sua astúcia e prudência muito tinham lhe valido, permitindo-lhe sobreviver enquanto outros tinham sido despachados para qualquer que seja a vida eterna que abominações como ele mereciam. Ele não agia sem cautela, e foi por isso que parou no beiral de um telhado e espiou o beco lá embaixo.

A estreita ruela estava iluminada por um único poste de rua. Ele viu uma jovem sendo segurada por três homens, um dos quais a molestava por trás, com a braguilha aberta, esfregando o sexo duro nela. Os outros o incentivavam, prendendo-a na parede como se estivesse crucificada.

A simbologia da imagem não lhe passou despercebida.

Teria sido simples para o Príncipe roubar a vítima de seus agressores e levá-la embora, depois descer com ela para outro beco escuro e tomar o que tinha de mais precioso.

Fechou os olhos por um instante, inspirou profundamente e foi tomado

por uma lembrança: uma mulher seminua deitada ao pé de uma parede de pedra, toda desconjuntada, roubada de sua inocência, e seu sangue a clamar por ele do chão...

Vingança.

Seu apetite por comida foi substituído na hora por uma fome maior, que passara muitos séculos sendo alimentada pela raiva e pelo arrependimento. As ilustrações que ele tomara tanto cuidado em roubar caíram de suas mãos, esquecidas, quando ele pulou do telhado.

– Mas o que... – O homem morreu antes mesmo de conseguir completar a frase, com a cabeça arrancada do corpo e jogada longe, casualmente, como se fosse uma bola de futebol.

Os outros soltaram a mulher e tentaram correr, mas o Príncipe os pegou sem dificuldade e os despachou para o inferno com uns poucos movimentos rápidos.

Quando se virou para colher seu prêmio, descobriu que ela havia caído no chão, e sentiu o doce e pungente cheiro de seu sangue no ar. Parecia desacordada; tinha os olhos bem fechados e o rosto contundido.

– *Cassita vulneratus* – sussurrou ele, agachando-se ao seu lado.

Ela abriu dois grandes olhos verdes e o encarou através das gotas de chuva.

– Uma moça. Que decepção. – Uma voz feminina quebrou o silêncio. – Pelo cheiro, pensei que fosse uma criança.

Ao se virar, o Príncipe se deparou com quatro de seus cidadãos parados ali perto: Aoibhe, uma mulher alta de cabelos ruivos compridos, e três homens: Maximilian, Lorenzo e Gregor. Todos tinham rostos pálidos, e todos olhavam na direção de Raven com uma expressão ávida, mas não sem antes se curvar para seu príncipe.

– Como uma iguaria dessas passou despercebida? Se eu tivesse sentido esse cheiro na rua, teria pegado para mim. – Aoibhe chegou mais perto; sua postura era régia, elegante. – Vamos, então. Ela tem idade suficiente para ser dividida sem dificuldade. Não bebo uma safra doce assim desde que me alimentei de crianças inglesas.

– Não. – A voz do Príncipe saiu baixa. Com um movimento quase imperceptível, ele se interpôs entre a moça e os outros, impedindo que eles a vissem.

– O senhor não nos negaria isso, Príncipe. – Maximilian, o maior dos

homens, gesticulou na direção das várias partes dos corpos dos três homens mortos. – Os outros estão mortos e fedem a maldade.

– Tem um corpo intacto ao lado da ponte. É seu, com meus cumprimentos. Mas a prioridade em relação à moça é minha. – Apesar de baixa, sua voz foi dura feito aço.

– O seu prêmio é quase um cadáver – cuspiu Aoibhe. – Dá para ouvir o coração dela ratear.

Em reação a essas palavras, o Príncipe se virou na direção da moça. Seus olhos estavam fechados e a respiração, difícil.

– Que bagunça! – exclamou um dos homens em um italiano carregado de sotaque russo. Ele deu um passo à frente e examinou os corpos dos agressores, chegando perigosamente perto da vítima.

Um rosnado escapou da garganta do Príncipe.

O russo estacou.

– Perdão, Mestre. – Deu um passo cauteloso para trás. – Não quis ofender.

– Vá cuidar do perímetro, Gregor. Se ninguém quiser o cadáver, leve-o embora.

O jovem assistente saiu depressa pela rua.

– Nem mesmo um fera iria querer beber desses corpos. – Todos se viraram para Maximilian, que examinava os homens mutilados.

Seus olhos se moveram para o líder e ali se detiveram.

– Pensei que o Príncipe não matasse por esporte.

– *Cave*, Maximilian – alertou o Príncipe em latim, numa voz ameaçadora.

– Está contestando a quem pertence a presa? – Lorenzo, braço-direito do Príncipe, deu um passo à frente.

Ao som dessas palavras, uma tensão perceptível pesou no ar. Todos encararam Maximilian, à espera de sua resposta.

Este olhou do Príncipe para a moça que sangrava, depois outra vez para o Príncipe com seus olhos azuis calculistas.

– Se o Príncipe nunca mata por esporte, por que esses homens estão mortos? Ele poderia tê-la roubado facilmente.

– Chega! – Aoibhe soava impaciente. – Ela está morrendo e você está perdendo tempo.

– Foi o Príncipe quem sancionou as leis contra mortes indiscriminadas.

– Maximilian deu um passo à frente. Seus olhos relancearam de maneira quase imperceptível para os de Lorenzo, depois se cravaram nos do Príncipe.

Aoibhe postou-se na frente dele, e sua silhueta alongada pareceu franzina em comparação ao tamanho de Maximilian.

– Está desafiando o Príncipe da cidade? Está com raiva?

Maximilian se moveu como se fosse empurrá-la para o lado.

Em uma fração de segundo, a ruiva segurou seu braço esquerdo e o puxou bem alto nas costas, deslocando o ombro com um estalo nauseante.

– Nunca mais levante a mão para mim, ou vai ficar sem ela. – Aoibhe o forçou a se ajoelhar e pousou um pé calçado com veludo na base das suas costas.

Maximilian trincou os dentes.

– Alguém pode tirar essa cruz de harpia e cobra das minhas costas?

– Aoibhe. – O Príncipe falou baixo, mas em tom de comando.

– Só quero ter certeza de que este cavaleiro entende o que estou dizendo.

O italiano dele é severamente... falho.

– Saia daqui, sua puta miserável! – rosnou ele, tentando se desvencilhar.

– Com prazer. – Aoibhe soltou o colega com uma feira de xingamentos irlandeses e uma quantidade razoável de ameaças.

Max se levantou, pôs o ombro no lugar com um grunhido e girou o braço.

– Como eu pareço ser o único interessado nas leis da cidade, retiro a contestação. – Ele fez uma pausa, como se estivesse esperando alguma outra pessoa se manifestar.

Todos ficaram em silêncio.

– Até que enfim. – Aoibhe tornou a voltar a atenção para o Príncipe, que havia chegado mais perto da presa, com as costas contra a parede. – Sua safra excepcional está no último suspiro. Se for para tomá-la, tem que ser agora. Aceita compartilhar?

Num impulso, o Príncipe pegou a moça no colo e, com um movimento rápido, pulou para cima do telhado, deixando seus cidadãos para trás.

CAPÍTULO 2

Cassita vulneratus.
Raven acordou sobressaltada.

Tinha ouvido uma estranha voz sussurrar em seu ouvido. Não havia mais ninguém no seu pequeno quarto, é claro. Ela não conseguia se lembrar do que a voz tinha dito, ou se havia lhe falado em inglês ou italiano. Algo lhe dizia que não fora em nenhum dos dois idiomas, mas, afinal de contas, aquilo não passara de um sonho. Ela de vez em quando sonhava em latim.

A luz que entrava no quarto a fez piscar. Era incomum as venezianas de sua janela estarem abertas, mas nesse dia estavam. (Não que Raven tenha prestado atenção nessa irregularidade.)

Embora tivesse tido um sonho estranhíssimo, tudo de que conseguia se lembrar era um vórtice de emoções e cores misturadas. Como artista, não era de espantar que pensasse e sonhasse em cores. Mas causava-lhe estranheza o fato de que a sua lembrança, em geral afiada feito uma faca, estivesse tão amorfa.

Com um bocejo, passou as pernas pela lateral da cama, cuja estreiteza era um testemunho da sua condição de solteira, e andou até o laptop. Abriu o aplicativo de música e pôs para tocar seu álbum preferido do Mumford and Sons.

Ao entrar no banheiro, não se deu o trabalho de olhar no espelho pendurado acima da cômoda, que tinha apenas o tamanho suficiente para lhe exibir seu melhor traço: o rosto. Até olhar para esse traço era algo que Raven evitava.

Depois da toailete matinal, foi até a minúscula cozinha do apartamento de um quarto e começou a preparar o café.

Tinha a sensação de que era sábado ou domingo, mas estava quase certa de que precisava ir trabalhar. Tomada por uma súbita ansiedade, deu alguns

passos para a esquerda e espiou dentro do quarto. Ao ver a mochila pousada junto à pequena mesa que usava como escrivaninha, deu um suspiro de alívio.

Iria tomar o café e checar seus e-mails, como era o seu costume, e então descobrir que dia era. O relógio na parede marcava sete horas da manhã.

Apoiou-se na bancada. Foi então que reparou que algo havia mudado.

A camisola antiquada que estava usando deveria ter chamado sua atenção, uma vez que não era sua. Só que não chamou. Em vez disso, ela se concentrou no que estava visível abaixo da bainha da camisola. Seu pé direito, em geral virado para o lado, estava simétrico com o esquerdo, coisa que não acontecia havia mais de uma década.

Ela gelou. Não deveria ter conseguido andar do quarto até o banheiro e a cozinha sem a bengala. Não deveria ter conseguido se levantar sobre os dois pés sem sentir dor. No entanto, era exatamente o que tinha feito.

Raven quase desabou no chão de tão assustada, mas ficou ocupada demais erguendo o pé antes machucado e girando o tornozelo, experimentando-o. Depois repetiu o movimento com o pé esquerdo. Ambos os pés se moveram com perfeita desenvoltura e sem desconforto.

Andou até o quarto e voltou. Prendeu a respiração e pulou.

De braços abertos, correu sem sair do lugar, uma passada depois da outra, e sentiu um louco e entusiasmado triunfo diante do que sabia ser impossível.

Aquilo era um milagre.

Raven não acreditava em milagres, nem em qualquer divindade ou divindades que pudessem produzi-los. Fechou os olhos e tentou se lembrar de qualquer coisa relacionada à noite anterior, qualquer coisa que pudesse servir de pista para aquela súbita e inacreditável transformação. Tirando a voz sussurrada cujas palavras não conseguia distinguir, não encontrou nada em que se agarrar.

Talvez ainda esteja dormindo.

Como para testar a hipótese, esticou os membros inferiores e ensaiou uma bamba e amadora posição de pirueta. Manteve-se assim pelo máximo de tempo que conseguiu, saboreando lembranças musculares esquecidas tempos antes. Quando por fim perdeu o equilíbrio e pôs os dois pés no chão, quase chorou. Seu pé e perna direitos finalmente tinham feito o que ela lhes mandara fazer. Todo o dano que lhe fora causado naquela noite mais do que terrível tinha se curado.

Ouviu a cafeteira Moka chiar e cuspir sobre o fogão, e correu para desligar o fogo. Abriu a pequena geladeira e pegou uma embalagem pequena de leite.

Olhou para o rótulo e leu com facilidade. Seus olhos se arregalaram. Virou a embalagem nas mãos e leu as letras miúdas. Então piscou e levou a mão ao rosto para ver se estava usando os óculos de leitura.

Não estava.

Sem os óculos de leitura, não deveria ter conseguido ler as palavras impressas abaixo da etiqueta. Só que elas estavam perfeitamente nítidas.

Isso não pode estar acontecendo. Estou tendo alucinações.

Raven pôs a embalagem de leite sobre a bancada e correu até o banheiro.

Viu uma mulher estranha no espelho e gritou.

A mulher tinha cabelos negros compridos e brilhantes. Os olhos eram de um verde cintilante, e o belo rosto oval tinha malares altos. Era o tipo de rosto que mereceria ser pintado, pensou Raven. Na verdade, a imagem a fez pensar na atriz Vivien Leigh.

Assustada, deu um pulo para trás.

A mulher também pulou.

Moveu-se para a direita.

A mulher também se moveu.

Levou alguns instantes para perceber que a mulher no espelho era o seu reflexo.

Assombrada, tocou o próprio rosto, as faces e a boca com o lábio inferior carnudo.

Sabia como deveria ser a sua imagem: feia, acima do peso, com uma perna que não funcionava direito. No entanto, tinha a aparência de uma linda jovem com duas pernas completamente normais.

Seria uma alucinação?

Mas os meus sentidos parecem estar funcionando. Consigo ouvir, tocar, ver e sentir cheiros.

Será que sua aparência e suas lesões anteriores tinham sido um pesadelo? Foi até o corredor e espiou para dentro do quarto, que era decorado com gravuras emolduradas da *Primavera* e do *Nascimento de Vênus*, de Botticelli, além de fotografias pessoais. Fotos de Raven e sua irmã Carolyn expostas na estante confirmavam sua antiga aparência.

Raven não acreditava em milagres, em sobrenatural, nem em nada que

não pudesse ser investigado pela ciência. Aquilo era um delírio. Não havia outra explicação científica.

Tentou se lembrar do que havia feito no dia anterior. Lembrava-se de ir trabalhar, mas não conseguia recordar mais nada depois disso. E se tivesse sido drogada?

Talvez, se voltasse ao trabalho, seus amigos pudessem ajudá-la. Se estivesse doente, poderiam levá-la ao médico. E se tivesse sido drogada...

Raven puxou a camisola por cima da cabeça e parou para examinar o tecido. A peça parecia feita de um algodão que já tinha sido branco, mas agora estava amarelado. O decote era arrematado por uma renda intrincada e uma fita cor-de-rosa desbotada. Uma fileira de botões de pérola antigos descia do pescoço até a cintura. Em suma, além de ser desconhecida, aquela camisola parecia ser do século passado.

E ela agora estava nua junto ao espelho.

Pegou um banquinho na cozinha e subiu nele.

Raven nunca se olhava nua. Era uma visão que evitava a todo custo. Nessa manhã, porém, maldisse o fato de o espelho ser tão pequeno.

Sua pele estava lisa e perfeita, sem marcas de cicatrizes ou estrias. Os seios estavam mais firmes, mais altos no peito. O corpo tinha o formato de uma ampulheta: cintura fina, quadris que se abriam delicadamente.

Contorceu-se no banquinho para poder ver melhor o quadril e as nádegas. Dava para perceber que não havia celulite nenhuma nas coxas.

Não sei o que me deram, mas deve ser uma droga bem potente.

Com medo de talvez ter sido agredida, Raven examinou a pele em busca de sinais de trauma. Não encontrou nada.

Com cuidado, abriu as pernas e levou a mão até o meio delas para verificar se havia alguma sensibilidade. Deu um suspiro de alívio quando tudo pareceu normal.

É claro que, se estou tendo uma alucinação quanto à minha aparência, posso estar tendo uma alucinação quanto à ausência de algum trauma.

Ponderou se todas as vítimas de alucinação se mostrariam assim tão racionais, e mais uma vez atribuiu ambos os efeitos à droga que sem dúvida lhe fora administrada.

Vestiu o roupão, agora imenso em seu corpo pequeno, e pegou o celular, que logo percebeu estar sem bateria. Foi até a escrivaninha com a

intenção de pegar o cabo e carregar o telefone. Uma olhada para a tela do computador lhe revelou que era segunda-feira de manhã. Não sabia como poderia ter esquecido o fim de semana inteiro, mas se quisesse estar no emprego na Galleria degli Uffizi às oito precisava se apressar e não tinha tempo para verificar os e-mails.

Tomou o café de um gole só e vestiu uma velha calça de ioga e uma camiseta, pois eram as únicas peças do seu limitado guarda-roupa que não ficariam ridiculamente grandes. Às pressas, escovou os cabelos e os dentes, desligou a música e jogou dentro da mochila o celular e o carregador.

Tentou encontrar os tênis prediletos, mas desistiu depois de alguns instantes e acabou calçando um par de sapatos pretos casuais que estavam jogados dentro do armário. Mais tarde procuraria os tênis debaixo da cama.

Por causa disso, não viu a caixa desconhecida que estava escondida logo debaixo de onde ela dormia, fora do seu campo de visão.

Ao trancar a porta do apartamento e sair para o patamar da escada, viu Dolcezza, a gata da vizinha.

– *Buongiorno*, Dolcezza. – Raven sorriu para o animal e estendeu a mão para acariciá-la.

A gata se afastou, chiando e arqueando as costas.

– O que houve, Dolcezza? – Ela se agachou e tentou de novo se aproximar da gata, mas esta continuou a chiar, balançando o rabo com fúria e desferindo golpes com as patas.

Nessa hora, a *signora* Lidia DiFabio abriu a porta de seu apartamento e chamou a gata, que passou correndo entre suas pernas como se um demônio dos infernos a estivesse perseguindo.

– Bom dia. – Raven acenou para a vizinha, pensando como esta iria reagir à mudança em sua aparência.

– Bom dia, querida. – Lidia sorriu.

– Tudo bem com a senhora?

Lidia esfregou a têmpora.

– Ah, estou meio cansada. Não tenho me sentido bem nestes últimos dias. Raven deu alguns passos na direção dela.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer?

– Ah, não. Bruno vai passar aqui mais tarde. Vou dar uma deitada e pronto. Bom dia para você.

Raven acenou para a vizinha e desceu a escada depressa. Ficou surpresa que Lidia não tivesse parecido reparar em sua aparência ou em seu novo corpo mais esbelto. Talvez porque estivesse sem óculos.

Ficou ainda mais surpresa com a súbita mudança de comportamento da gata. Sempre se dera bem com Dolcezza, e muitas vezes tinha alimentado e acariciado o animal. A relação entre elas sempre fora muito boa.

Em geral, ela descia a escada do prédio igual a uma tartaruga, movendo-se bem devagar com o auxílio da bengala. Naquela manhã, desceu correndo.

Era libertador conseguir se mover sem o fardo dos quilos extra ou a dor que normalmente sentia. Sem pensar muito, seguiu correndo desde o apartamento em Santo Spirito e atravessou a Ponte Santa Trinità.

Então parou.

Angelo, o sem-teto que geralmente ficava sentado junto à ponte, não estava lá.

Demorou-se um instante procurando por ele, pensando se teria apenas mudado de lugar, mas não o viu por perto. Seus pertences, em geral dispostos em um local específico ao lado da ponte, também tinham sumido.

Sentiu um arrepio na nuca. Desde que havia se mudado para Santo Spirito, Angelo passava todas as manhãs e todas as tardes sentado ao lado da ponte.

Pensou que não poderia se esquecer de passar na missão franciscana que ele às vezes visitava para ver como ele estava passando.

Olhando para o relógio, notou que faltavam poucos instantes para a hora em que deveria começar a trabalhar e continuou a correr até a Uffizi, um quilômetro e meio ao todo. Os pés batendo na calçada, os movimentos das canelas e dos joelhos, todas essas sensações foram acolhidas com entusiasmo.

Uma brisa suave acariciava suas faces e os cabelos que se derramavam por cima dos ombros e da mochila. Sentia-se mais forte, mais ousada, mais confiante. Teve a impressão de ter ganhado um novo corpo e um novo futuro.

A cada passo, ia ficando menos e menos preocupada com o motivo por trás de tão dramática reviravolta de sua má sorte.

Consequentemente, não reparou na misteriosa figura que a seguia desde que saíra do prédio.

Aquela era a manhã mais feliz de sua vida.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br